

COLECCÃO PAULO de PITTA^e CUNHA

28.09.2023 | 21.01.2024

FUNDAÇÃO
Arpad
Szenes
Vieira
da Silva
MUSEU

em colaboração com



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Comissárias
Raquel Henriques da Silva
Rita Maia Gomes

“(…) A constituição de uma colecção de obras de arte raramente resulta de um programa pré-estabelecido. Acontece, simplesmente. É à medida que se desenvolve que se desenha um fio condutor, reflectido na fixação de balizas temporais e na adopção de um critério de escolha dos artistas representados. No caso presente, está-se perante o microcosmos de uma visão panorâmica da arte portuguesa do século passado, e de uma incursão na arte internacional do mesmo período. (…)”

Paulo de Pitta e Cunha, 2022

Nos últimos anos de vida, Paulo de Pitta e Cunha (1937-2022) decidiu expor publicamente a sua colecção de arte contemporânea. Para isso escreveu um texto em que se define como coleccionador, evocando circunstâncias e artistas que foram integrando um vastíssimo acervo de mais de quinhentas peças (pintura, desenho e escultura), além de um núcleo de gravura que continua a carecer de inventário e estudo.

A morte chegou antes que Paulo de Pitta e Cunha tivesse a alegria de cumprir a sua determinação. Foi a família que a concretizou, decidindo propor a sua apresentação à Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. O espaço disponível para a mostra da Colecção condicionou naturalmente as escolhas realizadas, não tendo sido possível seleccionar todos os artistas citados no texto já referido. Ainda assim, o Catálogo apresenta 205 obras dos quais estarão expostas 123.

O traço distintivo da Colecção Paulo de Pitta e Cunha é o número considerável de obras de artistas estrangeiros. Muitas são pequenos formatos ou múltiplos que não ocupam lugar de destaque nas respectivas obras. Mas não é o caso de Alan Davie de que a Colecção possui quatro excelentes obras, adquiridas duas em Portugal (Galeria Dinastia, 1973) e duas na galeria de Londres Gimpel Fils. Sem a mesma relevância, pode citar-se o conjunto de trabalhos de Tom Wesselmann, figura representativa da *pop* americana. Os seus nus femininos encantavam o Coleccionador pela criatividade e cosmopolitismo. Aliás, o fascínio pela representação do feminino (segundo os cânones então vigentes) foi a razão de seu interesse por Niki de Saint Phalle ou, num registo estilístico muito diferente, por Yves Klein que entrou na

Colecção com uma *Vénus azul* de 1982 (adquirida na Galeria Bonnier, Genebra, 1998). Pode ainda referir-se uma curiosa serigrafia de Andy Warhol da importante série *Ladies and Gentlemen* de 1975.

Em termos portugueses, a Colecção possui notáveis conjuntos ou obras isoladas de muitos dos artistas reconhecidos desde os anos de 1970, tendo sido impossível integrá-los todos no catálogo e na exposição. O melhor conjunto é, sem dúvida, de Paula Rego com obras visceiras dos anos de 1960 e 1970. Pitta e Cunha teve a clareza de apostar numa artista então jovem e em início de carreira: *As três fases do medo* (1963) e *Os Intrusos* (1971) são obras maiores para compreender a profunda originalidade da pintora, exercitando narrativas cifradas, ameaçadoras e cáusticas.

Em muito “boa época” o Coleccionador comprou, entre muitos outros, Álvaro Lapa, António Palolo, Carlos Calvet, Mário Cesariny, Joaquim Rodrigo, João Cutileiro (de quem era amigo) ou o notável Sá Nogueira de 1973, *Fá-los ouvir a tua corneta, negro!*

Paulo de Pitta e Cunha tinha um especial gosto em descobrir e promover jovens artistas. Decidia por ele próprio e vivia com paixão as suas apostas. O caso mais interessante, em termos de quantidade de pinturas compradas, foi o de Nuno Viegas. Bela Silva também interessou o Coleccionador, como ceramista e pintora. E fez-lhe uma encomenda em nome próprio e com tema: a capa para um dos seus livros intitulado *Direito Institucional da União Europeia*, editado pela Almedina em Setembro de 2004. O tema foi, naturalmente, o *Rapto da Europa*. Evocando este interesse do colecionador, a Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva inaugura simultaneamente na Casa-Atelier Vieira da Silva, uma exposição inédita de Bela Silva.

Mas o seu eclectismo e vontade de abrangência faziam-no interessar por outros artistas. Por exemplo Rui Chafes que instalou a escultura *Flor que nasce para logo morrer (II)* de 2004 na bela casa do Guincho, como o fará agora na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva.

Finalmente, embora a Colecção seja no essencial contemporânea, há algumas marcações modernistas. Por exemplo, José de Almada Negreiros de que *A Pesca*, 1940, se destacava no hall de entrada da casa de Lisboa e fazia parte da lista das preferências do Coleccionador.